

CARISMA FRANCISCANO E MODERNIDADE

*Frei Silvestre Galdi**

O pensamento franciscano e a experiência carismática franciscana superam a teoria da superioridade do homem e da racionalidade humana, como sustentava ontologicamente a filosofia grega, suporte teórico da civilização ocidental e da modernidade. Parmênides (VI-V a.c.) afirma: “O ser é e o não-ser não é.” (*frag.* 2) Na mesma direção segue Protágoras (490-420 a.C.). Para ele, “o homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são, e das que não são enquanto não são” (*frag.* 1). Também Aristóteles (384-322 a.C.) sustenta hierarquias e superioridades: “O homem é por natureza melhor, a mulher pior; aquele apto para comandar, esta para obedecer” (*Política* A5, 1254b, 13-14).

Este é um sistema racional e lógico que premia uma hierarquia piramidal em todas as relações e com todas as criaturas. Favorece o domínio, o consumo e o desperdício. Ao mesmo tempo, marginaliza, exclui e barbariza. Ao passo que a visão franciscana do mundo e da vida organiza o sistema de participação e de convivência a partir da compreensão da autoridade como serviço, cuidado e zelo pela fraternidade. Prioriza o usufruto dos bens a partir da ética da frugalidade. E enaltece a convivência pacífica e fraterna da cigana e da formiga porque ambas louvam a Deus, respectivamente, pelo canto e pela organização do trabalho.

* Professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade de Caxias do Sul (RS).

Modernidade e Pós-Modernidade

A compreensão de modernidade implica, necessariamente, o surgimento de um novo espírito humano, com ramificações em todos os campos do conhecimento e com influências em todos os setores da vida humana. Jürgen Habermas, pensador alemão nascido em 18 de junho de 1929, aponta três paradigmas fundamentais do pensamento ocidental (*Pensamento pós-metafísico – estudos filosóficos*, 1990): pensamento pré-moderno, pensamento moderno e pensamento pós-moderno.

O pensamento pré-moderno caracteriza-se pelo paradigma ontológico. Aborda, reflete, sistematiza e concebe a realidade em sua essência e em sua natureza. O centro é o ser em si mesmo, na sua ontologia, essência e natureza: ser enquanto ser objetivo, compreendido pela objetividade metafísica conceitual. A visão da realidade e a concepção de mundo obedecem aos paradigmas da racionalidade, da lógica, dos princípios e da dedução.

O pensamento moderno, por sua vez, caracteriza-se pelo paradigma mentalista. Aborda, reflete, sistematiza e concebe a realidade a partir da consciência. Compreende, interpreta e vive a realidade mundana a partir da subjetividade, da intencionalidade, das experiências existenciais, das vivências cotidianas e do mundo da vida. Valoriza a convivência, a integração, a unidade e a harmonia. O centro é o homem enquanto sujeito livre, autônomo e consciente. Portanto, a pessoa humana tem direito às experiências mundanas, às vivências felizes, às relações intersubjetivas, à autonomia, à realização e satisfação. O pensamento moderno valoriza a existência livre, a ética do desejo, a experiência da mundanidade fenomenológica e a busca da felicidade sensível e mundana.

Enfim, o pensamento pós-moderno caracteriza-se pelo paradigma lingüístico. Pois, o agir comunicativo de integração social, como força consensual, é mais importante do que o agir estratégico, meio de transmissão e comunicação de informações. Não basta ter acesso às informações através do agir estratégico, faz-se necessário promover a integração social pela mediação do agir comunicativo. O pensamento pós-moderno concebe, reflete e aborda a realidade por meio da linguagem e seus códigos. Portanto, destaca a convivência integrada, solidária e holística. Busca a unidade subjacente e harmônica nos encontros intersubjetivos, através da aproximação recíproca, da revelação mútua e da representação simbólica. Conseqüentemente, rejeita a dominação, o convencimento e a persuasão, que agridem a liberdade e a vontade, a autonomia e a consciência.



Pony 97

São Bernardo
Poly 1997

O pensamento pós-moderno busca a superação da racionalidade, dos argumentos, das provas e das metodologias dedutivas e cartesianas, despertando e valorizando a intencionalidade, a intersubjetividade e o agir comunicativo dinâmico. As relações intersubjetivas obedecem a dinâmica paradoxal da proximidade e do afastamento, do interesse e desinteresse, do maravilhamento e temor, do encanto e estupor, da prosternação e reverência, da consternação e indiferença, da adesão e escolha, da intuição e emoção, da sedução e do desejo, da autonomia e do solipsismo, da articulação e do diálogo, das alianças e parcerias, da globalização e do turbocapitalismo. Conseqüentemente, valorizam-se a corporeidade, os sentidos, a estética, as facilidades, as rendas, a funcionalidade, o presentismo e o virtual. Ao mesmo tempo, nas relações intersubjetivas cotidianas, destacam-se a sensibilidade, a ternura e a afetividade. E o tempo franciscano.

Carisma franciscano

No sentido bíblico, *carisma* significa o resultado e o fruto da ação livre e espontânea do Espírito Santo: a graça divina produz estupor, adesão e bem-estar. E, também, designa os fenômenos e as manifestações particulares da fé, expressas pelas cartas paulinas. Portanto, carisma é o dom dispensado benevolmente por Deus e pela ação direta do Espírito Santo.

Contudo, ao longo da história da igreja, os carismas são concebidos como “dons excepcionais e extraordinários que Deus concede a alguns cristãos, não para o seu bem pessoal, e sim, para o bem de toda a igreja” (*Dicionário teológico da vida consagrada*, 1994, p. 91). Aos poucos, surgem posições diferentes: para uns estudiosos, os carismas se restringem à igreja primeva e, para outros, os carismas acompanham a ação da igreja. Por sua vez, o Vaticano II recupera e resgata o sentido original bíblico.

Na Vida Religiosa Consagrada, a igreja reconhece o carisma nos fundadores de institutos religiosos: a intuição original dos fundadores é uma iluminação direta do Espírito Santo. São Francisco de Assis expressa claramente o carisma recebido como inspiração divina: “Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência”. A seguir continua: “E o Senhor mesmo me conduziu entre eles [leprosos].” Na mesma convicção prossegue: “E o Senhor me deu tanta fé nas igrejas que com simplicidade orava [...]. E o Senhor me deu e ainda me dá tanta fé nos sacerdotes que vivem segundo a forma da santa igreja romana [...]. E depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo evangelho” (*Testamento*, n. 1-14).

O documento, *A doutrina da igreja sobre a vida religiosa*, assim se manifesta: O Espírito Santo “suscita o carisma do fundador do instituto e cria um tipo particular de espiritualidade, de vida, de apostolado e de tradição [...]. O Concílio pôs em evidência a necessidade que se tem de cultivar estes carismas como tantos dons de Deus. Eles determinam a natureza, o espírito, o projeto e a característica que formam o patrimônio espiritual de cada instituto e são fundamentais para a identidade do instituto, elemento essencial para a fidelidade de cada religioso” (1983, n.11). Portanto, estes são os elementos fundamentais e constitutivos do carisma na vida consagrada: natureza ou fundamento, espírito ou forma de vida, projeto ou missão eclesial, característica ou necessidade eclesial.

O carisma franciscano nasce da experiência carismática de São Francisco e de Santa Clara, multiplicando-se em inúmeras formas de vida através dos fundadores de congregações e institutos religiosos que constituem a família franciscana. Embora cada instituto franciscano tenha a sua particularidade carismática, a seguir apontam-se os elementos constitutivos e originais do carisma franciscano, que têm como pressupostos o Evangelho e a Igreja.

a) Natureza ou fundamento

Seguir os passos e as pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo pobre, humilde e crucificado. São Francisco resgata e vive a humanidade humana, sofredora e redentora de Jesus Cristo. Celebra com solenidade, criatividade e originalidade as festas do Natal, Paixão, Páscoa e Pentecostes.

b) Espírito ou forma de vida

Viver a fraternidade orante, contemplativa, penitente, pobre, minorítica, inserida no povo, amante da paz e da natureza. Em Francisco de Assis destacam-se estas experiências e práticas: cortesia para com todos, colocar tudo em comum, usufruir com frugalidade o fruto do próprio trabalho e viver uma religião alegre.

c) Projeto ou missão eclesial

Pregar a paz e a penitência pelo exemplo e pela palavra: missão querigmática do anúncio e da proclamação de Jesus Cristo e do Evangelho. O franciscanismo nasce na periferia estrutural e hierárquica da sociedade e da igreja. Os destinatários da missão franciscana são os excluídos, os pobres e os pecadores. Francisco de Assis inspirou-se no modo apostólico de evangelizar: sair do século, dar o dinheiro aos pobres, estar com o Senhor e ir pelo mundo dois a dois, iluminados pelo Espírito do Senhor e sua santa operação (Mt 19, 21; Lc 9,3; Mt 16,24).

d) Característica ou necessidade eclesial

Promover a renovação espiritual do povo e resgatar a dignidade humana. São Francisco usa verbos dinâmicos e fortes para caracterizar a necessidade evangelizadora e apostólica: visitar, aconselhar, admoestar e exortar; corrigir com benevolência, humildade e caridade; usar “linguagem ponderada e piedosa para a utilidade e edificação do povo”; anunciar os vícios e as virtudes, o castigo e a glória, com brevidade”; sem discutir e debater, mas ser manso, pacífico, modesto, afável e humilde (*Regra bulada* 3, 10-11; 9,3-4; 10,1).

Carisma franciscano, modernidade e educação

O carisma franciscano, a visão franciscana da vida, a interpretação franciscana da realidade e a concepção franciscana do mundo são elementos fundamentais e pertinentes para formar o espírito, a mente, o coração e o agir humano. Francisco de Assis desperta admiração e encanto pela sua sensibilidade, ternura, alegria, afabilidade, leveza de espírito e pelas relações fraternas e justas. Faz-se necessário conhecer, refletir, aprofundar e vivenciar as suas experiências e vivências, como afirma Confúcio (551-479 a.C.): “O estudo sem o pensamento é inútil. O pensamento sem o estudo é pernicioso” (*Lun-yu* II, 15).

A forma de vida franciscana não se organiza a partir da estrutura, da hierarquia e da legislação. Prioriza a conversão, que significa sair do século, dar dinheiro aos pobres, fazer penitência e estar com o Senhor. Privilegia a fraternidade, que se concretiza pelas experiências e vivências de relações fraternas profundas, amplas, cordiais e alegres. E prioriza a pregação, que acontece mediante o testemunho e a palavra, seguindo o modelo apostólico. Esta forma de vida torna-se inspiração e iluminação para as experiências humanas ao longo dos tempos. Por isso, é possível refletir a relação entre carisma franciscano, modernidade e educação.

Primeiramente, conceitua-se a modernidade como modelo e paradigma de percepção, interpretação e explicação da realidade, sem estabelecer fronteiras limítrofes entre modernidade e pós-modernidade, nem sempre nítidas. Neste sentido, a modernidade sustenta-se em três paradigmas: a superestrutura, a infra-estrutura e a fenomenologia. A superestrutura se identifica com a cultura que se expressa no significado, no sentido, nas emoções, nas atitudes, na conduta e nas intenções da pessoa humana frente à sua realidade vivencial, social, existencial e espiritual. Por sua vez, a infra-estrutura se identifica com a natureza no campo da genética, da anatomia, da fisiologia, dos instintos e dos impulsos, apoiando-se no

sentido de corpo e corporeidade. Por fim, a fenomenologia ultrapassa o mundo cultural e físico, porque a pessoa humana também se expressa no mundo da percepção e do significado de si mesmo, dos outros e do mundo, como sentido, intencionalidade, significado e experiência de estar-no-mundo e no mundo da vida.

A seguir, destacam-se os elementos paradigmáticos de aproximação e de afastamento entre o carisma franciscano e a modernidade.

a) Utopias e desejos

A sociedade piramidal e funcionalista se organiza a partir de uma estrutura centrada na autoridade e no poder, na lei e na instituição, que impõem limites às utopias e aos desejos humanos. Ao passo que o carisma franciscano e a modernidade destacam os desejos, os sonhos e as utopias como buscas, experiências e vivências centradas na intencionalidade, no coração, na subjetividade, no vivido e no mundo da vida. Conseqüentemente, os valores fundamentais não são as normas, as instituições, as virtudes e as conquistas. Mas, apresentam como valores o serviço prestado com satisfação e emoção; as relações fraternas intersubjetivas e afetivas; a sensibilidade aberta frente às realidades; e o valor das experiências e vivências cotidianas.

Porém, as utopias e desejos da modernidade secularizam-se no mundo feliz e confortável, gerado pelo progresso sem fim. Na experiência franciscana as utopias e os desejos acontecem na vida cotidiana. Ao mesmo tempo, a vida é acolhida com gratuidade, celebração, festa, beleza, graça e fraternidade. Os sonhos, os desejos e as utopias franciscanas revelam-se no reconhecimento da humanidade, com suas esperanças e debilidades, assumidas com humildade, amor, jovialidade e alegria na perspectiva escatológica (*Fioreti* n.8; *Admoestações* n.5).

b) Relação de gênero

O pensamento pré-moderno (ontológico), nas relações de gênero, prioriza a superioridade do masculino sobre o feminino, a ontologia sobre a antropologia, a sexualidade natural e procriativa sobre a sexualidade responsável e prazerosa. O pensamento moderno (mentalista) valoriza a emancipação da mulher, as conquistas femininas, o direito às experiências, à autonomia e à realização. Ao passo que o pensamento pós-moderno (lingüístico) privilegia as relações factuais e temporais, aqui e agora. Valoriza as relações afetivas prazerosas em diversos níveis e experiências de companheirismo e parceria. Buscam-se novas formas e criam-se novos conceitos de relações afetivas e sentimentais: a esposa (relação de casamento) é substituída pela companheira (relação de convivência) ou pela

parceira (relação sem compromisso) e, também, legitimam-se convivências homossexuais e lésbicas.

As convivências destacam a integração, a unidade e a harmonia. Por isso, as relações de gênero (masculino e feminino) valorizam a complementaridade profunda, a beleza permanente, a aproximação mútua, o encontro intersubjetivo, a comunicação ativa e a realização do desejo masculino e da sedução feminina. Por sua vez, a sensibilidade de percepção masculina acolhe e valoriza o estilo de vida da mulher.

Ao mesmo tempo, condenam-se o assédio sexual e as relações de domínio, fragmentação, interesse, utilidade e divisão de papéis. Priorizam-se a inteligência emocional e não a inteligência racional. A satisfação, o sentido e o vivido e não a eficiência, o resultado e a eficácia. Enfim, as relações de gênero são conduzidas pela intersubjetividade, pela cortesia, pela afetividade, pela ternura e pela comunicabilidade. São eloquentes as relações de amor e de cortesia entre Francisco e Clara, que ultrapassam os tempos e as culturas.

c) Subjetividade e intersubjetividade

A modernidade valoriza a liberdade de escolha, a realização pessoal, a construção da autonomia, a satisfação pela vida, a harmonia dos contrários, a aceitação do distinto, a convivência com o diferente, a intencionalidade de consciência, o respeito à individualidade, o direito às experiências e às vivências prazerosas.

Por sua vez, o carisma franciscano destaca e privilegia a harmonia entre a razão simbólica e a razão dialética: intuição e racionalidade, emoção e inteligência, sentimento e lógica, sabor e saber, síntese e análise, estética e ética. Enfim, significa sentir as coisas belas com o coração. Na experiência cotidiana, o franciscanismo prioriza a decisão tomada pela vontade sobre a decisão tomada pelo conhecimento. Prioriza a liberdade iluminada pela intencionalidade do coração sobre a liberdade construída pela racionalidade lógica. E a valorização do ser humano enquanto sujeito intencional. E a valorização das relações intersubjetivas como experiência pessoal afetiva e cortês.

Francisco estimula as relações intersubjetivas, fraternas e afetivas, quando escreve: “E um[frade] manifeste ao outro com confiança as suas necessidades, para que este lhe arranje o necessário e lhe sirva. E cada qual ame e alimente a seu irmão como a mãe ama e nutre a seu filho” (*Regra não-bulada* n. 9,13). Em outra passagem encontra-se: “[os frades] tomem cuidado em não se escandalizar ou perturbar com o pecado de alguém, porque a ira e a perturbação entram a caridade em si mesmo e

em outros” (*Regra bulada* n. 7,3). Em Santa Clara encontra-se a mesma disposição: “Se alguma[irmã], como acontece, estivesse perturbada por uma tentação, ou tomada de tristeza, chamava-a à parte e a consolava entre lágrimas” (*Legenda de Santa Clara* n.3 8).

d) *Justiça e sensibilidade social*

O carisma franciscano e a modernidade priorizam a sensibilidade e a intencionalidade, e não a racionalidade e a logicidade. Pela lógica racional, aceita-se o princípio popular, “dar a cada um o que é seu”. Na visão franciscana, a propriedade, para garantir a sua legitimidade, desempenha função social: direito à moradia, ao alimento, ao trabalho, à distribuição, à partilha, ao gozo, ao saber, à vida digna e confortável. Enfim, todos têm direito ao acesso e ao usufruto das conquistas humanas e dos bens da natureza.

A justiça e a sensibilidade social legitimam esta afirmação: “Quem trabalha e mata a fome, não come o pão de ninguém. Mas quem ganha mais do que come, sempre come o pão de alguém”. Por isso, a propriedade não tem apenas sentido de conquista legítima e de produção, mas tem valor de hipoteca social e de luta social. Francisco de Assis orienta para a solidariedade fraterna: “[Os frades] devem alegrar-se, quando freqüentam pessoas vis e desprezadas, entre pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigam pelo caminho” (*Fragmentos de outra Regra não-bulada* n.7 1). Por sua vez, o *Sacrum commercium* (n.59-63) descreve uma eloqüente, poética e plástica alegoria da sensibilidade profundamente terna e humana da prática vivencial de Francisco e seus companheiros: o banquete com a santa pobreza.

e) *Paz e consciência ecológica*

O carisma franciscano, com sensibilidade original, prioriza a fraternidade universal e a fraternidade cósmica: ser irmão de todas as criaturas, convivendo no mundo entendido como a “grande casa paterna”, conforme São Boaventura. São Francisco ama e respeita todas as criaturas com ternura fraterna, porque cada uma louva a Deus à sua maneira, revelada no *Cântico do irmão sol*, em sua grandeza poética, mistagógica, doxológica e escatológica.

Ao mesmo tempo, destacam-se o anúncio da paz, a promoção dos excluídos e a valorização da cortesia nas relações com todas as criaturas. Na experiência carismática original não acontece a exclusão de categorias profissionais ou de classes sociais. Na *Regra bulada*(n. 2,17), São Francisco adverte: “Eu os admoesto e exorto a que não desprezem nem julguem

os homens que virem usar vestes delicadas e coloridas, tomar alimentos e bebidas finas[...].”

Por sua vez, a modernidade empenha-se na busca da paz, na superação da violência, na consciência ecológica. Combate os tóxicos, a devastação, o lixo, a destruição, o desperdício, a poluição. Existe a preocupação com a qualidade de vida, com a preservação da natureza, com os valores éticos. Pesquisa formas alternativas de energia, de alimentos, de tratamentos e de medicamentos. Enfim, a sensibilidade moderna se preocupa com a vida longa, feliz e confortável.

f) Sensibilidade religiosa e ternura de Deus

É eloqüente a aproximação do carisma franciscano e da modernidade quanto à sensibilidade religiosa e a ternura de Deus. O carisma original franciscano supera a experiência severa de Deus e as práticas sisudas de oração da vida monástica: o sorriso dissipava a contemplação. Francisco de Assis descobre e vivencia a ternura, o carinho e a bondade de Deus Pai: uma religião alegre, libertadora e redentora.

A modernidade despertou e revigorou a sensibilidade religiosa de forma pluralista e conflitiva. As manifestações conflitivas acontecem mediante interpretações e paradigmas diferenciados, como: socialização da fé e privatização da fé; fanatismo religioso e indiferença religiosa; multiplicação de novas igrejas e retração das igrejas históricas; valorização da simbologia religiosa e secularização dos ritos e símbolos religiosos; verdade religiosa e sincretismo religioso; crença, serviço, culto, celebração do mistério e militância política. Ao mesmo tempo, verificam-se novas práticas e novas experiências, como: vivência da fé aprofundada pelo conhecimento teológico da fé; convencimento catequético acompanhado pela mistagogia de Deus; prática sacramental iluminada pela adesão afetiva de Deus; vivência mística da fé comprometida com a transformação social.

Por outro lado, a vida, a experiência, a prática e a vivência da sensibilidade religiosa de Francisco de Assis se manifestam pelos louvores ao Deus Altíssimo, zeloso, bom, misericordioso e justo; a cortesia é uma das propriedades de Deus (*Fioretti* n.37).

Neste momento, apontam-se desafios para as aproximações e afastamentos entre o carisma franciscano e a modernidade. O carisma franciscano é uma experiência humana que desemboca nas *vivências* cotidianas e nas realidades do mundo através da prática da fé, da espiritualidade específica, da experiência da ternura de Deus, da vida fraterna, da pobreza evangélica e da missão apostólica. Portanto, a experiência franciscana obedece ao projeto de Deus. Ao mesmo tempo é uma experiência profun-

damente mundana, que dá sentido ao mundo e dá sentido à pessoa humana no mundo, a partir de Jesus Cristo e da Igreja.

Enfim, a modernidade é uma experiência pluralista porque atinge as estruturas, as organizações, os paradigmas, as idéias, as culturas e todas as expressões humanas. Conseqüentemente, o carisma franciscano passa pela releitura da modernidade, mediante um duplo compromisso e uma dupla responsabilidade: 1) não perder a originalidade carismática, experiencial e vivencial, e voltar continuamente às fontes como metodologia e fundamento de renovação; 2) ser uma mediação necessária e permanente para enriquecer o espírito da humanidade.